

LÍNGUA E RESISTÊNCIA: QUESTÕES E CASOS REPRESENTATIVOS DESTA RELAÇÃO

Paula da Costa Souza

Universidade Federal de Alfenas

paula.souza@unifal-mg.edu.br

Resumo

No presente ensaio, apresentam-se algumas considerações, reflexões e exemplos que nada mais são do que desdobramentos de uma fala em um evento acadêmico. As contribuições teóricas advêm do arcabouço da Sociolinguística, como Calvet (2002), em especial, do campo da Política Linguística, em que temos representações, como Lagares (2011) e Monteagudo (2012). Ao relacionar as discussões teóricas com exemplos diversos, pretende-se pôr em xeque a relação entre língua e poder a partir dessa perspectiva.

Palavras-chave: Língua; Poder; Sociolinguística.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Paula da Costa Souza

Atualmente é professora de ensino superior na Universidade Federal de Alfenas e membro do Grupo de Pesquisa de Estudos Hispânicos. Possui graduação em Letras Português (Bacharelado)/Espanhol (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade de São Paulo, instituição superior onde também realizou os estudos de Mestrado e Doutorado. Foi contemplada pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior pela agência de fomento CAPES, o que lhe permitiu aprofundar seus estudos e conhecimento de língua catalã na Universitat de Girona (Espanha).



lattes.cnpq.br/7497970832989235



orcid.org/0000-0002-0588-5050

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

LÍNGUA E RESISTÊNCIA: QUESTÕES E CASOS REPRESENTATIVOS DESTA RELAÇÃO

Paula da Costa Souza
Universidade Federal de Alfenas
(paula.souza@unifal-mg.edu.br)

Considerações iniciais

As considerações que ora apresento formam parte de uma comunicação oral em formato de mesa redonda, cujo tema, “Linguagem e Poder”, foi proposto pelo Instituto de Ciências Humanas e Letras da UNIFAL-MG, em 2019. Aproveito, assim, as considerações que teci naquele momento para revisitá-las e ampliá-las. Confesso que, a princípio, foi difícil delimitar um recorte para a minha fala, visto que não tenho certeza se a relação linguagem e poder se estabelece por tangente ou, ainda, corre paralelamente, alicerçando uma sintonia de verdadeira reciprocidade.

De entrada, “poder” me remeteu, por conta de meus estudos, à diversidade e à variação linguística e, portanto, tentei me concentrar em questões gravitacionais que circundam nesses subtemas. Norteio as minhas ponderações a partir das mesmas três perguntas que pautaram a minha fala:

- 1) *Existem países monolíngues?*
- 2) *Diversidade é conflito?*
- 3) *O que acontece quando morre uma língua?*

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

1 À guisa de introdução

Em 1), considerei que, em uma perspectiva puramente linguística e que parta tão somente de um recorte sincrônico, alguma pessoa poderia supor uma resposta afirmativa. Parênteses: nesse momento, quem passava meus *slides* era o professor de Libras do nosso Instituto e prontamente já desarmou essa suposição ao pontuar que, em todos os países, ao lado da(s) língua(s) oficial(is), sempre se encontram as línguas de sinais. Parênteses fechados e ignorados apenas para seguir meu raciocínio linear, tentei começar o dimensionamento da problemática discorrendo sobre a situação linguística de países pequenos, o que poderia, a princípio, facilitar a argumentação. Trouxe exemplos de Portugal e do Principado de Andorra.

No primeiro caso, acredito que não houve discordância do fato de que a única língua falada no país fosse o português. Daí, então, a fim de fragilizar o argumento, coloquei de escanteio a perspectiva sincrônica e recordei que, em sua proto-história, o que havia era o galego-português. Em outras palavras, a separação das línguas se pautou em um processo mais de cunho político (=poder) do que linguístico. Um segundo exemplo que coube à questão foi a reivindicação pelo reconhecimento da língua mirandesa em Portugal. Creio que vale a pena trazer mais informações acerca dessa situação linguística para que se tenha noção de sua magnitude. O mirandês é uma língua falada no nordeste português, numa área de limite com a Espanha, e pertence ao domínio linguístico do astur-leonês. Observe-se:

An Setembro de l anho 1998, l deputado mirandés Júlio Meirinhos (antigo presidente de la Cámara Municipal de Miranda de l Douro) apresentou na Assembleia de la República ãa propuosta de lhei para l reconhecimento de ls dreitos lhenguísticos de la comunidade mirandesa. Essa propuosta foi aprobada por todos ls 230 deputados de l parlamiento, de todos ls partidos políticos eilhi representados, zde la dreita até la squierda. Esta ounanemidade mostra bien quela lhéngua mirandesa nun ye, nien nunca fui, ãa ameaça para l'antegridade territorial de Pertual¹. (QUARTEU, R.; FRIAS CONDE, X., 2001 p. 96)

¹ “Em setembro de 1998, o deputado mirandês Júlio Meirinhos (antigo presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro) apresentou na Assembleia da República uma proposta de lei para o reconhecimento dos direitos linguísticos da comunidade mirandesa. Essa proposta foi aprovada por todos os 230 deputados do parlamento, de todos os partidos políticos ali representados, da direita e da esquerda. Esta unanimidade mostra bem que a língua mirandesa não é, nem nunca foi, uma ameaça para a integridade territorial de Portugal” (Tradução nossa).

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

No fragmento que trago, destaco a ênfase à reivindicação do mirandês como língua natural nascida à mesma época de romances que hoje são considerados, sem hesitação, língua, especialmente, para o caso posto, o português e o espanhol (castelhano). Uma língua minoritária necessita travar uma luta diária para sobreviver aos constantes ataques de minorização² e, neste caso, que vêm de duas frentes, das duas “lhéguas 'fuortes'”, como também se evidencia em:

La gran anfluença de l castelhano, por un lhado, i de l pertués, pul outro, i la çtância geográfica antre ls bários cachos de l domínio fizo cun que estas bariedades lhenguísticas ampeçassen a zambolber caraterísticas çtintas, lhebando a la falta de cuncença de pertença a un spácio lhenguístico comun. Debido al eisolamiento geográfico de la Tierra de Miranda an relhaçon a Pertual, i tamien por nun pertencer a Spanha, la lhéngua mirandesa pudo mantener-se até ls dies de hoije, cumo la lhéngua de l campo i de l trabalho³. (QUARTEU, R.; FRIAS CONDE, X., 2001 p. 90)

Aqui, para além das questões concernentes à pressão sobre a língua minoritária, levanta-se uma questão de base que é caríssima: a de pertencimento. Fica evidente que a língua mirandesa se limita a um estrato limitado da sociedade, sendo relegada basicamente ao campo e ao trabalho. Em geral, as línguas minorizadas são associadas a classes baixas ou sem prestígio, ainda que possuam reconhecimento por unanimidade, como é o caso do mirandês:

An Setembro de l anho 1998, l deputado mirandés Júlio Meirinhos (antigo presidente de la Cámara Munecipal de Miranda de l Douro) apresentou na Assembleia de la República ãa propuosta de lhei para l reconhecimento de ls dreitos lhenguísticos de la comunidade mirandesa. Essa propuosta foi aprobada por todos ls 230 deputados de l parlamiento, de todos ls partidos polítcos eilhi representados, zde la dreita até la squierda. Esta ounanemidade mostra bien quela lhéngua mirandesa nun ye, nien nunca fui, ãa ameaça para

² Mais adiante, estabeleço uma diferenciação entre “língua minoritária” e “língua minorizada”.

³ “A grande influência do castelhano, por um lado, e do português, pelo outro, e a distância geográfica entre os vários ramos do domínio fez com que essas variedades linguísticas começassem a desenvolver características distintas, levando à falta de consciência de pertencimento a um espaço linguístico comum. Devido ao isolamento geográfico da Terra de Miranda em relação a Portugal, e também por não pertencer à Espanha, a língua mirandesa pode se manter até os dias de hoje, como a língua do campo e do trabalho” (tradução nossa).

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

l'antegridade territorial de Pertual⁴. (QUARTEU, R.; FRIAS CONDE, X., 2001 p. 96)

A prática nos revela que o reconhecimento oficial é apenas um primeiro passo para o real e amplo reconhecimento de uma língua em sua sociedade, mas também fora dela. O mirandês é um de tantos exemplos de resistência ao tempo, ao lugar, às políticas. É necessário conquistar cotidianamente o seu poder para poder sobreviver sob as pressões de línguas de maior prestígio, quais sejam, o português e o espanhol. A Europa é um verdadeiro laboratório que nos traz diversas experiências de línguas minoritárias e minorizadas. Passo ao caso de Andorra também apresentado na conferência.

No que concerne ao Principado de Andorra, o primeiro espanto se deu quando anunciei que a única língua oficial é o catalão. Sem recordar a ordem específica das novidades apresentadas, relatei minha experiência em Andorra e algumas constatações: as placas de monumentos, nomes de ruas e de alguns pontos turísticos realmente se encontram em língua catalã. A realidade da expressão oral difere enormemente da escrita: nas ruas, não encontrei pessoas falando em catalão e arrisquei, inúmeras vezes, abordagem nesse idioma, em contextos nos quais atuei como consumidora. Apenas em um ponto de informação turística consegui construir um diálogo em catalão do início ao fim. Para finalizar, apenas gostaria de recordar a situação de Andorra: trata-se de uma espécie de paraíso para os amantes do tabaco, bebidas alcoólicas e perfumes, constituindo-se, portanto, um lugar de compras frequentado por muitos europeus, especialmente franceses, portugueses e espanhóis. A experiência me faz suscitar a ideia de que Andorra é um lugar propício a desenvolver uma situação linguística peculiar e semelhante à de uma zona franca ou, até mesmo, de um *pidgin*⁵. Necessitaria de mais tempo de estudo para ampliar essas ideias; mas concluo, sem nenhuma dúvida, que esse Principado não pode, na prática, ser considerado monolíngue.

Postos os exemplos, acredito que tenha ficado consideravelmente difícil pensar em situações concretas e delimitadas de monolingüismo. Entro aqui, então, em outra dimensão da problemática:

⁴ “Em setembro de 1998, o deputado mirandês Júlio Meirinhos (antigo presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro) apresentou na Assembleia da República uma proposta de lei para o reconhecimento dos direitos linguísticos da comunidade mirandesa. Essa proposta foi aprovada por todos os 230 deputados do parlamento, de todos os partidos políticos ali representados, da direita e da esquerda. Esta unanimidade mostra bem que a língua mirandesa não é, nem nunca foi, uma ameaça para a integridade territorial de Portugal” (tradução nossa).

⁵ São formas linguísticas aproximativas que se desenvolvem, especialmente, em contatos comerciais. Ver Calvet (2002).

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Uma sociedade, comunidade ou país monolíngue é aquele em que só uma língua é conhecida e usada pela generalidade dos seus membros. Ora, o que queremos mostrar aqui é que o monolinguismo social, longe de ser um fenômeno espontâneo, pode ser (e frequentemente é) o resultado de uma série de operações glotopolíticas, mais ou menos deliberadas, de homogeneização de populações falantes de várias línguas, um resultado que, aliás, é mantido artificialmente pelos estados mediante políticas de exclusão de línguas outras que a ‘oficialmente’ reconhecida. [...] o monolinguismo não é (ou não sempre) o estado natural das coisas, mas é o resultado de processos muito complexos, e em boa parte específicos da nossa civilização na época contemporânea. (MONTEAGUDO, 2012, pp. 45-46)

O monolinguismo, tal como se depreende das colocações de Monteagudo (2012), não constitui nem um ponto de origem nem um ponto na evolução natural de um estado de uma língua e, portanto, não pode ser concebido como inerente ao sistema linguístico. Está para além, e, na contramão, do processo genuinamente linguístico: “é o resultado de processos múltiplos e complexos” orquestrados ou orientados por ações glotopolíticas. Ainda, e não menos importante, o autor pontua que subjazem a esse complexo processo “políticas de exclusão de línguas outras”. Em outras palavras, o monolinguismo não mantém apenas uma relação dicotômica com a diversidade linguística (seja a variação, seja o plurilinguismo), mas sim estabelece uma relação máxima de antagonismo e muitas vezes de cunho ideológico.

Por certo, o mesmo autor nos recorda que o monolinguismo forma parte de uma “tríplice unidade”, remetendo ao modelo sociopolítico napoleônico: um estado, uma nação, uma língua. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, os revolucionários franceses

[...] fundaram a ideia de nação nos princípios de soberania popular e igualdade dos cidadãos, mas ao mesmo tempo decidiram que os franceses constituíam uma nação, e para fazer realidade os ditos princípios, a nação devia ter uma cultura homogênea exprimida numa língua comum. Da noção de ‘estado francês’ (que correspondia ao velho estado dinástico, multi-étnico e plurilíngue) passou-se à noção de ‘nação francesa’, e essa nação devia se exprimir na única língua nacional, a língua francesa. Dessa maneira, empreendeu-se um processo de ‘etnicização do estado’: a identidade política adotava assim um fundamento étnico (Grillo, 1989, p. 22-42). Ficava cunhado o ‘modelo napoleônico’: um estado > uma nação > uma língua. Daí, o objetivo programático do novo estado revolucionário francês de ‘anéantir les patois’,

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

isto é, aniquilar a diversidade linguística para homogeneizar a nação francesa do ponto de vista linguístico-cultural (DE CERTEAU; JULIA; REVEL, 1975; BALIBAR; LAPORTE, 1976). (MONTEAGUDO, 2012, p. 48)

Resulta especialmente intrigante o fato de que os franceses ainda não puderam superar esse modelo. Ainda hoje, a única língua admitida na França é o francês (sugiro modalizar esse modo de dizer e deixar mais transparente essa ideia de “admitida”), o que evidencia que os princípios de soberania popular e igualdade dos cidadãos, contraditoriamente, foram utilizados para forjar o encobrimento ou pulverização de línguas menores que ali estavam, e muitas ainda estão, historicamente, situadas. Encontram-se nesse caso línguas como o bretão, o occitano, o basco, o catalão, ou, ainda, o italiano e diversas variedades germânicas. Sempre vale a pena recordar que a população das camadas mais baixas tem mais contato, uso ou apropriação dessas línguas “clandestinas” (tomo por “clandestinas” o oposto a “oficiais”).

Longe de constituir a peculiaridade de um lugar, como a França, ou marca de um tempo específico, a prática da imposição do monolinguismo tem longínqua tradição, tendo sido emblemática também na Península Ibérica. Ao voltar para o século XV, percebe-se que o modelo político desenhado pelos Reis Católicos da Espanha foi um precursor do modelo napoleônico e já embutia em seu bojo a exclusão de outras línguas que não o castelhano, além, claro, de promover políticas para combater outras religiões, que não a católica, e, assim, fundar uma nação também “triplamente única”. Assim, quero enfatizar que a falta de aceitação da diversidade marcou a Idade Moderna Europeia do início ao fim: do século XV à Revolução Francesa, como tentei esboçar nessas poucas linhas. Com isso, cedo o lugar à segunda questão: *Diversidade é conflito?*

2 Um caso simbólico e enigmático

Pelo exposto até aqui, parto do pressuposto de que a natureza da comunicação humana, por meio de sua linguagem verbal, enseja e legitima a diversidade linguística. E tudo o que atue para suprimir essa diversidade faz parte tão e somente de políticas de exclusão orquestrada, muitas vezes, por uma minoria, mas, por algum motivo, com justificativas que quase sempre encontram ampla aceitação. Em geral, uma língua, ou um modelo de língua, para que tenha essa aceitação é associada a modelos de vida de sucesso, ou seja, estabelece-se uma forte relação com uma determinada classe social. Exatamente por isso se tem falado que,

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

na realidade, não existe o preconceito linguístico; ele é essencialmente um preconceito social.⁶ Para ampliar essa questão, mobilizo dois termos utilizados em Linguística, e mais precisamente em Sociolinguística: “bilinguismo” e “diglossia”. Para Ninyoles (1972, p. 30), “[...] el bilingüismo implica un mismo status de poder o de prestigio en los dos idiomas.” Em teoria, qualquer idioma poderia ser utilizado em qualquer situação de comunicação social. Em linhas muito gerais, a diglossia pode ser entendida como um bilinguismo com conflito, situação em que há disputa de espaço de línguas ou variedades linguísticas.

Na segunda metade do século XX, esses termos foram amplamente discutidos por teóricos como Ferguson (1959) e Fishman (1967). Para além da relação individual que abarca o termo “bilinguismo”, Ferguson já havia conseguido enxergar nele uma estreita relação com a organização social, diferenciando-o pelo termo “diglossia”. Para o estudioso, a diglossia existe quando se estabelecem relações de poder, como prestígio social e divisão funcional (contextos em que cada uma das línguas é utilizada na vida cotidiana) (Calvet, 2002, p. 59).

Alguns anos depois, Fishman reavalia as considerações de Ferguson e traz as seguintes contribuições: enfatiza o bilinguismo como um fato individual, de orientação ou caráter psicolinguístico, e diferenciando-se ainda mais da diglossia. No entanto, Fishman propõe uma inter-relação entre bilinguismo e diglossia, observando quatro situações distintas: 1) bilinguismo e diglossia; 2) bilinguismo sem diglossia; 3) diglossia sem bilinguismo; 4) nem diglossia nem bilinguismo, caracterizadas a seguir:

1. Bilinguismo e diglossia: todos os membros da comunidade conhecem a forma alta e a forma baixa. É o caso do Paraguai (espanhol e guarani).⁷
2. Bilinguismo sem diglossia: há numerosos indivíduos bilíngues em uma sociedade, mas não se utilizam das formas linguísticas para usos específicos. Esse seria o caso de situações instáveis, de situações em transição entre uma diglossia e uma outra organização da comunidade linguística.
3. Diglossia sem bilinguismo: numa comunidade social, há a divisão funcional de usos entre duas línguas, mas um grupo só fala a forma alta, enquanto o outro só fala a forma baixa. Fishman cita aqui o caso da Rússia czarista (a nobreza falava francês; o povo, o russo).
4. Nem diglossia nem bilinguismo: há uma só língua. Só se pode imaginar essa situação em uma comunidade muito pequena (CALVET, 2002, p. 52).

⁶ No Brasil, um nome importante para essa discussão é Marcos Bagno. O campo linguístico é apenas uma ferramenta para concretizar o ato de discriminação social.

⁷ Interpreto que o autor queira dizer que todos sabem qual é a forma alta e qual é a forma baixa, e não que todos falem os dois idiomas. Além disso, a que se referem as formas alta e baixa?

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

A situação emblemática que Fishman observa em 1., como não pode ser de outra maneira, tem a ver com a própria organização social. A sociedade paraguaia é consciente de que a ascensão social se relaciona ao conhecimento e ao uso normativo da língua espanhola, sendo o guarani a língua de comunicação familiar ou da classe trabalhadora. Em 2., a falta de exemplo apenas revela que a situação é quase utópica, ainda que, confesso, me faz recordar em alguns momentos os exemplos de Andorra. Em 3., fica claro que a situação de diglossia chega a um extremo tal que a comunicação de uma classe com outra se torna impossível. O ponto 4. foi o ponto de partida para esta discussão e estou tentando desestabilizá-lo aqui. E, para tal, trago dois exemplos emblemáticos, duas pequenas comunidades, Portugal e Andorra. E, ainda que os argumentos levantados não tenham sido suficientes, apelo ao exemplo trazido pelo meu colega, professor de Libras. Com isso, não me restam dúvidas de que não existem comunidades com uma só língua; haverá sempre ao menos um “pontinho” de diversidade, variação, bilinguismo ou o nome com o qual se queira ou se possa batizar.

Sob essas perspectivas, se as línguas precisam disputar espaços na sociedade, elas configuram algum quadro de diglossia, o que implica, portanto, algum tipo de conflito. E, nessa relação conflitante, de busca por espaço social, o uso de uma língua pode configurar-se como uma forma de resistência para a sua comunidade. E, para mim, na minha trajetória acadêmica particular, o maior exemplo de resistência, em termos linguísticos, encontra-se na Península Ibérica, especificamente na Espanha, onde há diversos casos emblemáticos. Poderia resumir a história da língua catalã, meu objeto em vários estudos; porém, hoje, me concentro em lembrar e homenagear a língua basca. Para tal, adiciono à discussão mais dois termos que permitirão delimitar ainda mais a situação linguística na Espanha, em especial, referida à língua basca: língua minoritária e língua minorizada.

Em linhas gerais, língua minoritária designa uma língua que possui um número escasso de falantes, ao passo que língua minorizada designa uma língua em cujo histórico consta de restrições de uso ou funções sociais. O termo minorizada foi cunhado pelo sociolinguista valenciano Lluís Vicent Aracil, em 1983, e, de acordo com Lagares, “essa condição tem a ver com a possibilidade ou impossibilidade de uma variedade linguística exercer determinadas funções sociais numa comunidade humana e num momento histórico concreto” (LAGARES, 2011, p.170).

Dessa forma, o processo de minorização linguística é resultado de políticas excludentes que pretendem beneficiar uma falsa homogeneização linguístico-social, instaurando, muitas vezes, uma complexa diglossia. Nem sempre uma língua minorizada será minoritária, apesar da forte pressão que exista para que isso se concretize. Muitas línguas foram minorizadas ao serem consideradas obstáculos para o desenvolvimento cultural, para o

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

progresso econômico e para os avanços científicos. Assim, não raro ficam relegadas apenas à língua oral ou associadas a classes baixas, como visto. O processo de minorização tem impacto na identidade linguística e na dificuldade de criação de um vínculo de pertencimento, visto que se relaciona aos casos de estigmatização da língua e de problemáticas que envolvem essas questões, como apontado anteriormente.

Na Espanha, apesar do reconhecimento de cooficialidade do basco e das demais línguas, como o catalão e o galego, desde 1978 pela Constituição Espanhola, a realidade exige uma dose de imposição diária para que o contexto diglótico seja suavizado em prol de um utópico bilinguismo. Como nos mostrou o caso do mirandês, o reconhecimento oficial não representa a consolidação do fato do uso. Insisto em afirmar que a resistência é uma luta cotidiana que não pode e não deve esmorecer. E a história da língua basca nos mostra claramente isso. Observe-se:

La Península Ibérica es, de hecho, la sola región de Europa en que persiste, no reducido a reliquias toponomásticas sino como lengua todavía viva y hablada, un idioma prerromano ciertamente preindoeuropeo. Se trata del vasco, restringido hoy a unas cuantas provincias de España nororiental (Vizcaya, Guipúzcoa y parte de Álava y Navarra) y Francia sudoccidental (regiones de Labourd, Basse Navarre y Soule en los distritos de Bayona y Mauleón) [...]. (TAGLIAVINI, 1993, p. 205)

No fragmento que trago, a língua basca é apresentada como “viva” e “falada”, prerromana e pré-indo-europeia. Em “prerromana” e “pré-indo-europeia”, o que consigo enxergar é tão somente a resistência desse povo; por isso, língua “viva” e “falada”, detentora de uma ancestralidade e riqueza cultural sem precedentes. Esse povo, aliás, também desconhece fronteiras, pois a língua desconhece as fronteiras de Estado; fica mais do que patente que a língua pertence ao povo, não ao Estado. No caso da língua basca, como o de muitas outras, temos a representação linguística em mais de um Estado: o basco é falado em um trecho para além dos Pirineus, já em território francês.

A resistência do basco é tão emblemática quanto enigmática: “El vasco tiene una estructura completamente diferente de la de las lenguas indoeuropeas y su clasificación fue y sigue siendo objeto de discusiones [...]” (TAGLIAVINI, 1993, p. 204-205). Para a Linguística, continua sendo um grande mistério a vinculação do basco a outras línguas. Apesar de estar circundada por línguas de origem latina, o basco não pertence a nenhuma das famílias

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

linguísticas: “En Hispania la romanización fue casi completa, pero en las regiones montañosas del nordeste un pueblo antiguo, prerromano y preindoeuropeo, persistió: el pueblo vasco [...]” (TAGLIAVINI, 1993, p. 253).

Diz-se que, sabiamente, o povo basco, que não era guerreiro, por muito tempo conseguiu matar seus inimigos de forma astuta, utilizando apenas de seus conhecimentos geográficos. A maior parte das terras com predomínio da língua basca é montanhosa e de difícil acesso, o que tornou a região não muito visada, por um lado, e, quando atacada, os nativos sabiam os caminhos tortuosos, ganhando enormes vantagens sobre os inimigos, os quais, quase sempre, morriam de frio ou de fome quando não conseguiam se retirar.

Apesar disso, as perdas na abrangência da língua basca foram concretizadas e são muito expressivas se consideradas em um longo recorte temporal, conforme se nota no trecho seguinte e na evolução diacrônica representada pelos mapas:

Pero el actual territorio vasco [...] no es sino un mínimo resto de lo que era hace algunos siglos el dominio de la lengua vasca. Comparando los mapas de las figs. 8 y 9, se advierte con claridad la diferencia de extensión entre los dialectos vascos actuales (fig. 8) y los del siglo XVI (fig. 9), según los testimonios históricos y las reliquias toponomásticas.

La penetración de los elementos latinos en el vasco es muy considerable, tanto desde el punto de vista cuantitativo como desde el cualitativo.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------



Mapa 1

Límites actuales del territorio donde se habla vasco (según Caro Baroja, "Retrosceso del vascuense", p. 37, com algunos añadidos en el territorio francés) (TAGLIAVINI, 1993, p. 253-254).



Mapa 2

Límites que señalan el retroceso del vasco em España durante los siglos XVI-XVIII, XIX y XX (según Caro Baroja, op. cit. p. 39) (TAGLIAVINI, 1993, p. 253-254).

Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Cotejando a situação linguística em uma perspectiva diacrônica, ficam notórias as perdas para a língua basca e subentendem-se as suas implicações: diminuição territorial, diminuição do número de falantes, expressão literária e cultural entre outros. Conforme se nota na figura 2, a representação do mapa remonta a diversos séculos; recorde-se que as políticas linguísticas no Estado Espanhol entre os séculos XVI-XVIII foram de extrema minorização de línguas, tempos em que qualquer forma de expressão nessas línguas era repreendida. Não por acaso, para línguas como o basco, o galego e o catalão, esses ficaram conhecidos em suas histórias como séculos escuros, já que não houve nenhuma produção expressiva nessas línguas. Não por acaso, também, o século XVI é conhecido como Século de Ouro para a língua e a literatura espanholas. Para completar esse cenário, no século XX, a Espanha passou por duas ditaduras e, mais uma vez, o ideal de uma única língua, uma única religião foram as bandeiras alçadas pelos governos ditatoriais.

A resistência das línguas contra pressões centralizadoras parece ser um ato natural de sobrevivência, quase um instinto imbuído no gene de cada sistema linguístico. Arrisco-me a dizer que o bilinguismo se aproxima mais de uma utopia do que de uma realidade. Assim, não me resta alternativa a não ser concordar que diversidade pode ser tomada como conflito, uma disputa por espaço, poder, número de falantes, produção de obras de prestígio, entre outros. Isso porque, na nossa sociedade, diversidade pode vir atrelada a uma falsa noção de competição, o que colocaria em risco variedades socialmente mais frágeis em benefício de outras mais estáveis e aceitas socialmente. No entanto, cabe a questão: há mais perdas na homogeneização ou na variação? Como essa questão está mais diretamente relacionada à minha questão 3, deixo-a para as próximas linhas.

Por fim, os riscos do fim

Antes de passar à última indagação, gostaria de trazer os exemplos ainda mais para perto da realidade nacional, aproveitando, oportunamente, que o Ano Internacional das Línguas Indígenas foi recentemente celebrado pela UNESCO e seus parceiros ao longo do ano de 2019. Preocupada com o avanço desenfreado do desaparecimento de línguas, a UNESCO desenvolveu o **Atlas das Línguas em Perigo no Mundo**, no qual se indica que, no mundo, há seis mil línguas e, entre elas, 2.500 correm perigo de desaparecer. Nesse estudo, o Brasil aparece na 12^a posição em número de idiomas, ainda alto no *ranking*, com 229 línguas. Nessa conta, 138 foram trazidas por imigrantes, incluindo japonês, espanhol e árabe, mas também

⁸ Aponto os números trazidos pela UNESCO apesar de estar consciente de que há outros estudos em que esses números são consideravelmente superiores.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

versões nacionais de dialetos europeus. Mas a grande maioria das línguas é falada por uma pequena minoria de brasileiros. São 216 idiomas indígenas, segundo o Ethnologue, ou 274, segundo o Censo. A história das línguas indígenas no Brasil é a história da devastação cultural causada pela colonização portuguesa: 1,3 mil línguas eram faladas antes da chegada dos portugueses. Mas a maioria das línguas indígenas foram mortas, pois dizimados foram muitos povos, especialmente nas regiões costeiras.

Os números que trago, e que, por certo, estão bem atualizados, podem e devem assustar. É difícil falar em morte na sociedade; é um dos temas tabus mais difíceis que considero. Mas é preciso falar. Posso considerar alguns tipos de morte para fomentar esta discussão: 1) recordando o latim: sua morte é considerada a partir do momento em que os povos tomaram a consciência de que já não falavam o latim, mas alguma outra coisa que ainda não sabiam bem o que era; 2) recordando as línguas nativas das Américas: a subjugação dos povos aniquilou diversos indígenas, estancando o processo natural de transmissão linguística. Em 1), há uma morte “natural”, um desmembramento de uma “coisa” em outras. Em 2), há um terrível linguicídio. São mortes muito diferentes.

Assim, para tentar responder à questão “Há mais perdas na homogeneização ou na variação?”, que, por sua vez, está dentro de “O que acontece quando morre uma língua?”, apresentei um curta-metragem, em língua náhuatl, para refletir sobre o tema. Abaixo, transcrevo o texto na língua nativa e sua respectiva versão em espanhol:

Versão Náhuatl	Versão Espanhol
Quema polihui se tlajtol camanali	Cuando muere una lengua
Quema polihui se tlajtol camanali	Las cosas divinas,
Nochi tlamantli tlen yejyetzzi, queja sitlalime, tonati huan metztli.	Estrellas, sol y luna;
Tlen tijchihuaj timasehualme queja quema tijtequihuáj totlalnamiquilis o tlen tijmachilfaj ipan totlacayo o ipan toyolo, ayoc hueli tiquijtaj.	Las cosas humanas,
Quema se tlajtol camanali polihui,	Pensar y sentir,
Nochi tlen onca ipan ni tlaltepactli queja	No se reflejan ya
	En ese espejo.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

<p>nopa hueyi atl huan nopa atentini.</p> <p>Nochi tlamantli tecuanime huan nochi tlamantli xihuitini.</p> <p>Niyon ax timoilhuis, niyon ax hueli tiquijtos, niyon ax</p> <p>hueli tijctlachilis o tijcaquis pampa polijtoc nopa</p> <p>tlajtoli.</p> <p>Huajca motzacua ipan campa hueli chinancotini</p> <p>ipan campa hueli tlaltepactli queja quema motzacua</p> <p>se cuapuerta o se ventana.</p> <p>Quema onca sequinoc tlajtol camanali, mitztlachiyaltis,</p> <p>pampa tijmachilis tlamantli tlen san</p> <p>Toteco hueli quichihua huan tlen quichihuj masehual Tlacame.</p> <p>Ya n í ica tlen quiپیay yolistli ipan ni tlaltepactli.</p> <p>Quema polihui se tlajtol camanali, nochi polihui, hasta</p> <p>Nopa camanali tlen tijtequihuáj para titeilhuse</p> <p>titeicnelíaj,</p> <p>o quema titepohuilíaj para tlachque techccohua o</p> <p>techcuesohua,</p> <p>Polihui nopa antiguatl huicatl tlen</p>	<p>Cuando muere una lengua</p> <p>Todo lo que hay en el mundo</p> <p>Mares y ríos,</p> <p>Animales y plantas,</p> <p>Ni se piensan, ni pronuncian</p> <p>Con atisbos y sonidos</p> <p>Que no existen ya.</p> <p>Entonces se cierra</p> <p>A todos los pueblos del mundo</p> <p>Una ventana,</p> <p>Una puerta.</p> <p>Un asomarse</p> <p>De modo distinto</p> <p>A las cosas divinas y humanas,</p> <p>A cuanto es ser y vida en la tierra.</p> <p>Cuando muere una lengua,</p> <p>Sus palabras de amor,</p> <p>Entonación de dolor y querencia,</p> <p>Tal vez viejos cantos,</p> <p>Relatos, discursos, plegarias,</p> <p>Nadie cual fueron</p> <p>Alcanzarán a repetir.</p>
--	--

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

huicayayaj tohuejcapantatahuaj, Nochi tlamantli tlen quipohuayayaj, quejatza momajtoya quema motiochihuayayaj. queja moscaltijque, Ayoc aca huelis sampa quipohuas, Quema polihui se tlajtol camanali, Eli queja miqui, huan miyac mijquejya Huan miyac miquise. Eli queja quema tlapani se tescatl, Inin tos, eli queja acahuilotl Tlen san panotejqui, pampa ayoc aca molinía Huan quema pano ya ní, masehualme mocahua j Mas teicneltijque.	Cuando muere una lengua, Ya muchas han muerto Y muchas pueden morir. Espejos para siempre quebrados, Sombra de voces Para siempre acalladas: La humanidad se empobrece.
--	---

(Disponível em: 68voces.mx/nahuatl-cuando-muere-una-lengua. Acesso em: 30 mai. 2018).

Antes de mais nada, gostaria de recomendar a visualização da animação em vídeo de onde retirei o(s) texto(s) acima. Em seguida, teço algumas considerações que nascem a partir de pontos tão sensíveis que são tocados no profundo discurso que norteia esses versos. Por fim, desculpo-me por transformar tão belo poema em um discurso sócio-político tão frio, como é de se esperar de qualquer análise.

Através da propagação da ideia de existência de uma identidade única, ainda vigente e em pleno vigor em diversas comunidades, o Estado se mune de um recurso potente que visa à obediência de seus cidadãos. Um grupo homogêneo é mais previsível e, portanto, de mais fácil controle. Não raro, o controle pode ser entendido, ainda, como um discurso de ordem, tal como estampado na própria bandeira. Dessa maneira, o Estado pode ter a pretensão de definir, classificar, segregar, separar e selecionar tradições, dialetos, leis e

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

modos de vida dentro da nação a fim de conquistar uma “unidade” e coesão nacional (BAUMAN, 2005, p. 27).

Para mais, Bauman (2005, p. 28) enfatiza que a ideia de soberania indivisível da nação parte, fundamentalmente, do poder da exclusão: alimentando a demarcação de uma fronteira entre o “nós” e o “eles”, consegue-se um sentimento de unidade em seus cidadãos. Além do mais, o autor argumenta que a noção de “pertencimento” se alicerça sobre uma função disciplinadora, já que fomenta, recorrentemente, a ideia de que a figura do outro representa uma ameaça, reforçando, assim, a prática da exclusão. A diferenciação de grupos faz com que os indivíduos se comparem constantemente, acentuando mais as diferenças a fim de fortalecer as suas próprias identidades. Nesse movimento de alteridade, o indivíduo reconhece sua identidade sob a premissa de exclusão: “eu sou o que ele não é” e vice-versa (CHARAUDEAU, 2015, p. 18-19).

Para finalizar e amarrar essa discussão com as questões de linguagem, recordo como Charaudeau (2015, p. 13) expressa o papel da linguagem dentro dessa prática de exclusão, considerando a linguagem como base na construção pessoal e social do indivíduo: tendo em vista o caráter transformador da língua e, especificamente, do discurso, é necessário que um valor seja dito para que ele exista. É por meio do discurso que os valores são passados para um grupo ou, ainda, transmitidos de geração a geração. Se não há mais aquela determinada língua, com todas as suas peculiaridades e simbologias, um discurso não será transmitido da mesma maneira; portanto, os modos de ser, pensar, agir, viver em sociedade jamais serão iguais.

Tem-se discutido em diversos campos do saber os benefícios da diversidade e, claramente, não se pode deixar à margem essa discussão no campo da Linguística. Acredito que estamos deixando um pouco de lado a utopia para trazer casos concretos desses benefícios. Por exemplo, em Hall (2006), ao se discutir a construção da própria identidade, há um profundo flerte com o tema da diversidade, do olhar questionador para o outro, para poder, em seguida, olhar para si mesmo e se perceber no mundo. Ou, ainda, o próprio Charaudeau, que, pela linha da Análise do Discurso, também apresenta e discute a perspectiva da dimensão da diversidade em diversos âmbitos.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Referências

- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CALVET, L.J. **Sociolinguística, uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CHARAUDEAU, P. A identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. Tradução por Clebson Luiz de Brito e Wander Emediato de Souza. In: LARA, G. P. & LIMBERTI, R. P. (org.). **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAGARES, X. C.. Continuidades e rupturas linguísticas na Península Ibérica. **Revista da ABRALIN**, v. Espec., p. 123-151, 2011.
- MEDINA-LÓPEZ, J. **Lenguas en contacto**. Madri: Arco/Libros, 1997.
- MONTEAGUDO, H. A invenção do monolinguismo e da língua nacional. **Revista Gragoatá**. Niterói, n. 32, 1. sem. 2012. Disponível em: periodicos.uff.br/gragoata/article/download/33031/19018. Acesso em: 27 set. 2019.
- MOSELEY, C. (ed.). **Atlas de las lenguas del mundo en peligro**. 3ra edición. Paris, Ediciones UNESCO, 2010. Versión en línea: www.unesco.org/culture/languages-atlas/es/atlasmap.html. Acesso em: 27 set. 2019.
- NINYOLES, R.LL. **Idioma y poder social**. Madri: Editorial Tecnos, 1972.
- QUARTEU, R.; FRIAS CONDE, X. L mirandés: Ua lhéngua minoritaira an Pertual. **Ianua Revista Philologica Romanica**. Vol. 2, 2001.
- TAGLIAVINI, C. **Orígenes de las lenguas neolatinas**. México D.F.: Fondo de Cultura Mexicana, 1993.
- Vídeo: Proyecto Sesenta y ocho voces, sesenta y ocho corazones. Cuando muere una lengua. Disponível em: 68voces.mx/nahuatl-cuando-muere-una-lengua. Acesso 30 mai 2018. (Diretor, tempo, ano, etc).

Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Recebido em: 14/06/2023

Aceito em: 03/08/2023

Publicado em: 30/09/2023

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

LANGUAGE AND RESISTANCE: QUESTIONS AND REPRESENTATIVE CASES OF THIS RELATIONSHIP

Paula da Costa Souza
Universidade Federal de Alfenas
(paula.souza@unifal-mg.edu.br)

ABSTRACT

In this essay, some considerations, reflections and examples presented are nothing more than unfolding of a speech in an academic event. Theoretical contributions come from the framework of Sociolinguistics such as Calvet (2002), in particular, from the field of Linguistic Politics, in which we have representations such as Lagares (2011) and Monteagudo (2012). By relating the theoretical discussions with different examples, it is intended to question the relationship between language and power from this perspective.

Keywords: Language; Power; Sociolinguistics.

Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

LENGUA Y RESISTENCIA: TEMAS Y CASOS REPRESENTATIVOS DE ESTA RELACIÓN

Paula da Costa Souza
Universidade Federal de Alfenas
(paula.souza@unifal-mg.edu.br)

RESUMEN

En este ensayo se presentan algunas consideraciones, reflexiones y ejemplos que no son más que el desarrollo de una presentación oral en un evento académico. Los aportes teóricos provienen del marco de la Sociolingüística como Calvet (2002), y en particular, del campo de la Política Lingüística, en el que tenemos representaciones como Lagares (2011) y Monteagudo (2012). Al relacionar las discusiones teóricas con diferentes ejemplos, se pretende cuestionar la relación entre lenguaje y poder desde esta perspectiva.

Palabras-clave: Lengua; Poder; Sociolingüística.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-22	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------